



## “A TERRA E O HOMEM NO NORDESTE”, UM CLÁSSICO DA GEOGRAFIA REGIONAL SOBRE A QUESTÃO AGRÁRIA

João Phelipe Santiago

---

### RESUMO

A atualidade de “*A Terra e o Homem no Nordeste*” (1963), do escritor, advogado, historiador, geógrafo, pesquisador, professor emérito Manuel Correia de Oliveira Andrade é fato incontestável. O presente artigo busca além da razão, um pouco da emoção de reinterpretar minha participação sobre suas análises no campo da geografia humana e regional. Focando nesta obra central de sua produção científica e acadêmica. Reconhecida nacionalmente e internacionalmente. Um clássico da geografia regional que antecipa a geografia crítica social e agrária, diante do movimento de renovação da geografia brasileira nos fins dos anos 70. Inovando uma narrativa genuína, objetiva e sutil, desvendando as relações sociais e políticas do trabalho no campo, destacando as categorias de trabalho e propriedade, no cenário das paisagens nordestinas nas zonas da mata, agreste e sertão. Em meio a luta de classes entre os trabalhadores do campo e os proprietários de terras e donos dos engenhos e usinas, da estrutura fundiária latifundiária, amalgamada na ideologia conservadora. Sua contribuição ao pensamento geográfico brasileiro compreende suas determinações econômicas, sociológicas e políticas, ligadas às dimensões históricas da formação social e espacial, produzindo várias territorialidades engendradoras da formação regional e nacional. Nesse sentido, nossa interpretação pertence ao campo da história do pensamento social e geográfico brasileiro, desaguando na geografia regional da produção do espaço.

**Palavras-chaves:** Geografia agrária, trabalho e propriedade, geografia regional, Manuel Correia

### “LAND AND MAN IN THE NORTHEAST”, A CLASSIC OF REGIONAL GEOGRAPHY ON THE AGRARIAN QUESTION

#### ABSTRACT

The relevance of “*A Terra e o Homem no Nordeste*” (1963), by the writer, lawyer, historian, geographer, researcher, professor emeritus Manuel Correia de Oliveira Andrade is an undisputed fact. This article seeks beyond reason, a little emotion to reinterpret my participation on its analyzes in the field of human and regional geography. Focusing on this central work of his scientific and academic production. Recognized nationally and internationally. A classic of regional geography that anticipates critical social and agrarian geography, in the face

of the Brazilian geography renewal movement in the late 1970s. Innovating a genuine, objective and subtle narrative, revealing the social and political relations of work in the field, highlighting the categories of work and property, in the scenario of northeastern landscapes in the forest, wild and hinterland areas. In the midst of the class struggle between rural workers and landowners and owners of mills and mills, of the landed land structure, amalgamated in the conservative ideology. Its contribution to Brazilian geographic thought comprises its economic, sociological and political determinations, linked to the historical dimensions of social and spatial formation, producing various territorialities that engender regional and national formation. In this sense, our interpretation belongs to the field of the history of Brazilian social and geographic thought, flowing into the regional geography of space production.

**Keywords:** Agrarian geography, work and property, regional geography, Manuel Correia

## **“TIERRA Y HOMBRE EN EL NORDESTE”, UN CLÁSICO DE LA GEOGRAFÍA REGIONAL SOBRE LA CUESTIÓN AGRARIA**

### **RESUMEN**

La relevancia de “A Terra e o Homem no Nordeste” (1963), del escritor, abogado, historiador, geógrafo, investigador, profesor emérito y *Doctor Honoris Causa*, Manuel Correia de Oliveira Andrade es un hecho indiscutible. Este artículo busca más allá de la razón, un poco de emoción para reinterpretar mi participación en sus análisis en el campo de la geografía humana y regional. Centrándonos en esta obra central de su producción científica y académica. Reconocido a nivel nacional e internacional. Un clásico de la geografía regional que anticipa la geografía social y agraria crítica, frente al movimiento de renovación de la geografía brasileña a fines de la década de 1970. Categorías de trabajo y propiedad, en el escenario de los paisajes nordestinos en las áreas de selva, agreste e interior. En medio de la lucha de clases entre trabajadores rurales y terratenientes y dueños de ingenios e ingenios en el entramado de la agroindustria azucarera, la estructura terrateniente, amalgamada en la ideología conservadora. En medio de la lucha de clases entre los trabajadores rurales y los terratenientes y dueños de ingenios e ingenios, de la estructura agraria latifundista, amalgamados en la ideología conservadora. Su contribución al pensamiento geográfico brasileño comprende sus determinaciones económicas, sociológicas y políticas, vinculadas a las dimensiones históricas de la formación social y espacial, produciendo diversas territorialidades que engendran la formación regional y nacional. En ese sentido, nuestra interpretación pertenece al campo de la historia del pensamiento social y geográfico brasileño, desembocando en la geografía regional de la producción del espacio.

**Palabras clave:** Geografía agraria del Nordeste, trabajo y propiedad, geografía regional, Manuel Correia

### **INTRODUÇÃO**

Em 2022, ano do centenário do nascimento de Manuel Correia de Andrade, também fazem 49 anos da primeira edição de “A terra e o homem no Nordeste”, cerca de meio século desse clássico sobre a questão regional e agrária. Sobretudo este livro foi escolhido como um dos 100 livros mais importantes do século XX, escrito no Brasil. Sendo assim, a UFPE, comemorou um século do nascimento de um dos maiores geógrafos, historiador, advogado, professor e pesquisador, e cientista social, através do Seminário Nacional “A terra e o homem: centenário de nascimento do Manuel Correia de Andrade”, realizado de 02 a 05 de agosto. Além da obra escrita e publicada, sua relevância como pensador preocupado e engajado politicamente, acompanhando o movimento da história, da sociedade e do meio ambiente, possui o mérito dos diversos prêmios e títulos recebidos durante sua vida e após sua partida

para o mundo astral. O que tem se revelado por ter dado seu nome a: eventos, objetos de estudos e pesquisas em diversas áreas do conhecimento, inúmeros artigos publicados, livros, dissertação de mestrado e doutorado, bibliotecas, cátedras, auditórios em diferentes instituições de ensino no Brasil, além de lives na plataforma youtube.

Seu legado continua atual, alicerçando estudos, pesquisas e debates; reverberando com novas publicações e eventos; reacendendo sua abordagem heterodoxa e questionadora sobre as grandes questões regionais, nacionais e mundiais, que envolvem a dialética do espaço e das territorialidades. Sua obra possui uma magnitude e amplitude, e vem sendo revista através da rede de pesquisadores que cooperam em diversas universidades<sup>1</sup>.

Conheci o professor Manoel Correia quando fui seu aluno de História do Pensamento Geográfico, disciplina que mais me fascinou do mestrado. Nesse sentido, em conversa com o então coordenador do mestrado, professor Jan Bitoun, surgiu a ideia de estudar a produção do conhecimento da própria Geografia e, por conseguinte, mergulhamos no estudo da obra de Manoel Correia de Andrade devido ser um grande expoente da geografia brasileira. Foi um grande desafio, pois não tinha noção da envergadura temática, da diversidade e densidade de seu conteúdo, além do que se tratava de um autor vivo em plena e constante produção e edição de novos trabalhos. Dessa forma, nos meados dos anos 80 dos vinte fui cada vez mais enveredando, estudando, percorrendo seus conteúdos. E assim consegui construir uma visão panorâmica e lógica sobre a evolução temática e epistemológica sobre sua narrativa. Sobre as trajetórias de suas conjunturas profissionais e intelectuais na sua vida e obra. Trajetórias que vêm se desdobrando quanto ao conteúdo da atualidade de seu pensamento em novas contexturas<sup>2</sup>. Como um dos pressupostos metodológicos para se estudar e compreender a história do pensamento social e geográfico, no campo das ciências humanas, conexo a cada período histórico espacial.

Consequentemente foi sendo delineado um destaque sobre a análise regional do Nordeste, na medida que vasculhava e lia sua obra, procurando ler cronologicamente tudo que havia encontrado e que era ofertado pelo próprio Manuel em diversos encontros que tive. Pois lhe procurava para debater e questionar o que estava lendo e pesquisando. Tudo isso me fez desvendar e também desmistificar como os textos de importantes expoentes eram feitos. Pois

---

<sup>1</sup>Rede de Pesquisadores - Itinerários da Educação Geográfica (RePEG) em cooperação com a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Universidade de Pernambuco (UPE) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Além de professores e pesquisadores diversos.

<sup>2</sup>Conexões entre a época do autor, a temática, seu contexto, abordagem (narrativa) e fundamentos teóricos.

nesses encontros, quando eu chegava na sua sala, estava ele lá escrevendo em diversas folhas de papel ofício seus textos, eu observava e ele dizia: estou escrevendo um novo trabalho e encaminhando para a secretária datilografar para enviar a editora. Era muito agradável entrar na Fundação Joaquim Nabuco e depois da conversa com o professor, ia para a biblioteca pesquisar; e a responsável, me dava um monte de livros doados para minha pesquisa, dizendo: o professor Manuel separou esses para você pois são duplicatas. Para mim tudo era novidade e por alguma razão não compreendida na época achava tudo interessante; não me dava conta do efeito como neófito de estar percorrendo alguns trechos da trajetória de produção intelectual desse renomado e querido professor.

### **As temáticas fundamentais para entender o pensamento de Manuel Correia**

Manuel Correia de Andrade é um autor que tem amplo espectro e episteme heterodoxa como ele mesmo se intitulava. A evolução de seu pensamento é paralela à evolução do pensamento geográfico brasileiro, e em certo sentido caminhou na vanguarda antes do que se chamou geografia crítica ou movimento de renovação da geografia no Brasil se cristalizar efetivamente. Essa caracterização é muito interessante, pois a evolução temática de sua obra espelha a evolução do pensamento geográfico brasileiro. Compreendendo a evolução geral da geografia do Brasil como fundamento para uma geografia geral do pensamento social e geográfico regionalmente produzido. Nesse sentido, Andrade é um geógrafo que acompanhou o espírito do tempo. *Zeitgeist* (SANTIAGO, 2013) que ainda hoje buscamos compreender e adaptar aos novos contextos da produção do espaço e das novas territorialidades. Assim, sua obra reflete uma clara perspectiva regional crítica. Acompanhando o movimento histórico, político, cultural, territorial e social da realidade.

Sua obra espelha não só a evolução do pensamento geográfico e ruptura nos anos 60 com o pensamento geográfico tradicional inovando na sua metodologia com a *Terra e o Homem no Nordeste*, e posteriormente nos idos dos anos 70 no movimento de renovação que teve da geografia, ele também vai se projetar junto com o geógrafo Professor Milton Santos como sendo um dos grandes expoentes da geografia brasileira, marca que ficou patente até o final do século 20 e início do século XXI. Diferentemente do Milton Santos, Andrade teve uma projeção relevante no ensino da geografia, o livro dele *Geografia Geral do Brasil Chegou* a ter 100 mil exemplares de venda no final dos anos 70 até início dos anos 80. A partir daí Manoel Correia deixa mais a preocupação com a publicação de livros para o ensino e vai se ater mais a

produção de livros para o ensino superior. Nesse período, eu comecei minha vida no ensino secundário. Lecionando na Escola Parque do Recife, onde suas diretoras, uma das quais era prima de Paulo Freire, pregavam a sua pedagogia como princípio da liberdade de ensino e crítica da realidade. Num contexto final de revogação do A.I. 5, em 1978, mas que ainda havia censura por parte de algumas escolas como a do Salesiano, por exemplo, na qual fui demitido após algumas semanas de contratado, pois imperava censura aos professores que falassem de dialética histórica como perspectiva de análise da realidade dos fatos e fenômenos.

Me lembro dessa época e conversando com Manuel Correia sobre minha experiência inicial nas salas de aulas, e os movimentos sociais de abertura política. Comentamos sobre as novidades editoriais que chegavam no mercado das livrarias de Recife. Nesse sentido me dizia que o livro de Melhem Adas, *Panorama Geográfico do Brasil: contradições, impasses e desafios sócio espaciais* (2e. 1985), lançado pela Editora Moderna tinha uma densidade muito maior que o seu e certamente iria desbanca-lo, como de fato aconteceu. Contudo, Andrade perdeu o interesse de continuar editando livros para o ensino médio e se aprimorou na produção científica para as Universidades.

O entendimento mais amplo de sua obra se deu ao criarmos um plano de referência geral, que foi feito a partir de uma entrevista<sup>3</sup> onde ele relatou cronologicamente sua história desde o nascimento até o momento em que estava fazendo a dissertação, e também cedeu seu Curriculum Vitae impresso. Na época não havia o lattes, e mesmo depois pesquisando o seu lattes, não estava atualizado significativamente. Portanto, como mestrando, estava tentando entender sua obra conectada à evolução do pensamento geográfico. Como associar na evolução do pensamento geográfico a obra de um autor, que ademais teve seu campo de produção estendido até 2007, ano de seu falecimento. Cujas obras abarcou cerca de 64 anos de produção escrita (1943-2007), perfazendo mais de 600 títulos segundo um levantamento feito posteriormente com a coordenação de Lúcia Gaspar (1996).

O estudo de sua obra fornece um alicerce para entendimento da geografia que se ensinava, e abriu uma perspectiva de pensar de maneira ampla as possibilidades de múltiplas temáticas sobre a questão regional e nacional, compreendidas como territorialidades contidas na totalidade viva e complexa em permanente movimento de transformação (SANTIAGO, 1990, 1993, 2005, 2013, 2014, 2016, 2021, 2022). Sua linguagem objetiva, clara, simples, forneceu uma ampla explicação dos processos históricos e territoriais da formação nacional e

---

<sup>3</sup>Ver revista *GeoNordeste*, publicado inicialmente em 1986, em formato impresso; e depois em formato eletrônico em 2018-12-05. Acesso em 01-08-2022: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/issue/view/393>.

nordestina, servindo de substrato para o entendimento dos estudos seguintes, sobre a realidade brasileira haja visto que o background (SANTIAGO, 2013) geográfico assimilado das leituras de Andrade, nas suas diversas temáticas cronologicamente compreendidas como momentos de sua contextura, serviram de aporte fundamental para poder compreender cada autor “no espaço e no tempo” (ANDRADE, 1985, p.7), relativo a cada temática e conteúdo; conceituação que até hoje tem servido de alicerce para as pesquisas ligadas a método e pensamento social e geográfico.

Fizemos uma classificação dividindo a obra dele em seis grandes domínios conexos. Porque domínio conexo? Porque é um dos poucos geógrafos que tem uma produção que resvala nas trilhas dos clássicos, produzindo temas diversos ligados à sua época. Abarcando inicialmente não só a parte física, como a parte humana social e fazendo cruzamentos e inter-relações dentro dos diversos conteúdos de suas obras. Sobretudo dos anos 60 para geografia social e crítica, onde é mais reconhecido.

Um levantamento geral, baseado em cerca de 400 títulos até os anos 90, classificamos 6 áreas de domínios e conexões de temáticas. (SANTIAGO 1990).

<b>Áreas de domínios conexos</b>	<b>Temáticas gerais de cada domínio conexo</b>
Geoeconômica(62,1%)	Composta por 21 temas gerais selecionados entre os quais: geografia regional e agrária (39,9%); estudos sobre aspectos físicos e naturais, povoamento, colonização, ocupação do espaço e migrações (16,7%); teorias do desenvolvimento e dependência da localização, polarização e regionalização (12,3%); questão da produção do espaço e sua organização (8,9%); estudos de processos de industrialização, urbanização (7,9%)
História (10,4%)	História do pensamento geográfico brasileiro e mundial. Aspectos da história social, econômica e administrativa do Brasil (67,6%); estudos sobre o Estado Novo e o escravismo no Brasil (29,4%)
Sociologia e Política (9,5%)	Guerras, revoluções, movimentos sociais e sindicais, lutas de classes, classes sociais, revoltas, planejamento (67,7%); Nacionalismo e populismo, Estado e constituição (19,3%)
Ensino e Pesquisa (9,5%)	Geografia e história para o 1º e 2º graus (96%) <sup>4</sup>
Meio-ambiente (4,0%)	Preservação de recursos florestais, minerais e hídricos, poluição (84,6%). Principalmente os decorrentes da atividade da monocultura Canavieira e da poluição e morte dos rios <sup>5</sup> .
Estudos Antropológicos	Sociedade, cultura e ciência, mito, poder e voto (71,4%); humanismo, tradição e comportamento social (19,6%)

<sup>4</sup>Quando eu estudei o ginásio no Colégio da Polícia Militar de Recife, e o segundo grau técnico, na Escola Técnica Federal de Pernambuco, tenham como livros adotados de geografia os de Manuel Correia e Hilton Sette. Manuel Correia sempre estava falando que ele tinha muita sorte de conseguir vender bastante livros.

<sup>5</sup>Ver. Agricultura e Capitalismo (1979b, 1979c); onde ele descreve com detalhes esse processo de envenenamento das águas dos rios.

Andrade é um dos poucos geógrafos contemporâneos que tem uma produção geográfica no sentido de ter recebido uma marcante influência dos clássicos na sua produção dos anos 60 e 70. No sentido de que, esses autores clássicos também produziram temáticas diversas ligadas à sua época e que abarcam não só a parte física, como a parte humana, social e política. Sendo assim, possui essa característica, de ter abarcado temas ligados à geografia física regional, análise ambiental e das paisagens fisiográficas, e sobretudo das questões sociais, econômicas e políticas, sua marca maior. Assim, foi enveredando depois dos anos 60, mais propriamente para geografia social e crítica, onde é mais reconhecido. Embora suas preocupações com as conjunturas políticas e econômicas tenham emergido já na década de 40 como veremos. Nesse sentido ficou evidente que a obra mais famosa, relevante e mais citada seja a *Terra O Homem no Nordeste*, a qual fez uma análise minuciosa de conteúdo, como estudo de caso na dissertação de mestrado.

### **Uma obra central: “a terra e o homem no Nordeste”, contexto histórico e do pensamento geográfico**

"(...) estamos vivendo em um período crítico; ou as reivindicações populares justas são atendidas e dá-se ao homem do campo as condições de vida compatíveis com a dignidade humana ou a revolução prevista (...) será inevitável e a estrutura fundiária arcaica que temos ruirá, arrastando em sua queda tudo que nela se apoia" (ANDRADE, 1964: 257).

Uma das conclusões nos revelou ser insuficiente falar deste autor sem se referir ao todo temático e de conteúdo. Bem como, deixar de lado suas práxis militante, profissional e acadêmica, e seu papel de relevância na construção da AGB. E, sobretudo, sem deixar de falar de sua obra central *A Terra e o Homem no Nordeste*. Este trabalho possui o grande mérito conjuntural e epistemológico de ser a primeira obra “a trabalhar com categorias de análise como ‘trabalho’ e ‘propriedade’, a nível de Nordeste brasileiro, no início da década de 1960” (LINS, 1995, p.36-7). E pelo enfoque objetivo, científico comprovando como a desigualdade e acumulação de capitais se operam concretamente. Revelando uma perspectiva contida numa dialética do concreto, do espaço, do território, da sociedade, das classes sociais, da luta de classes.

Surgiu, dessa forma, num período em que a oligarquia rural nordestina e a pernambucana eram ainda bem resistentes. A miséria da maioria populacional e das classes trabalhadoras tornavam mais evidente a degeneração provocada pelo modo de produção dominante. Essa obviedade começava a ser tratada de forma científica pelas ciências sociais, incorporando padrões da abordagem histórico-dialética, analisada de maneira expressiva pela intelectualidade brasileira (SANTIAGO, 1990, p.208).

Denunciou a ordem conservadora de fundamento escravocrata secular que se perpetuava através das relações da exploração das relações sociais de produção do trabalho no campo, e no modo de vida precário dos trabalhadores rurais. Geradores de um modelo de organização e produção do espaço, e do território engendrado de aumento de desigualdades e injustiças sociais, afetando nocivamente a vida dos seres humanos e do meio ambiente. Criando entraves no processo de construção da cidadania plena (SANTIAGO, 2014, 2016, 2021, 2022). Uma lógica contra a dignidade humana e social (ARAÚJO, T. B. 2008). Nesse sentido rompeu e afrontou a mistificação, os tabus relacionados a oligarquia agrária conservadora e autoritária, e seu ideal romântico de desenvolvimento e progresso para todos. Quando em verdade, engendrava um forte mecanismo de concentração financeira e de propriedades territoriais nas mãos de uma minoria detentora da maior concentração de áreas territoriais em contínuo crescimento do percentual fundiário; e que no processo histórico de ocupação do espaço regional veem homogeneizando a essência da biodiversidade da natureza das florestas tropicais úmidas atlânticas, e promovendo o êxodo rural e o aumento da metropolização e subdesenvolvimento urbano (ANDRADE, 1979a).

Este livro nas suas diversas edições até a quinta edição de 1980 (1963, 1964 3 ed., 1973 4 ed., 1980 5 ed.,) é um reflexo das conjunturas sociais, econômicas e políticas, e da evolução do próprio pensamento geográfico no Brasil. Embora tenha havido edições posteriores (1986, 2011 8 ed.). No entanto vou me ater até a edição de 1980 para poder explicar como as atualizações estão ligadas ao contexto/conjuntura histórica/política e as contexturas da evolução das epistemes e categorias lógicas que fundamentam as narrativas de conteúdo das diversas temáticas, analisadas num certo período.

A terceira edição de 1964, foi censurada com o golpe militar, e por razões geopolíticas internacionais. Pois, tudo que confrontava o *status quo* e/ou questionasse os valores vigentes das classes dominantes era considerado subversivo. E nesse caso havia um produto científico (o livro) revelando economicamente, socialmente, politicamente e culturalmente a lógica de acumulação perversa do capital no nordeste brasileiro, e por tabela de toda a Nação. Independentemente do viés populista, nacionalista ou não do governo estadual do senhor Miguel Arraes (COELHO, 1986).

Além dessa conjuntura, havia o histórico da participação política de Andrade desde a época de estudante de Direito na década de 40, e como militante de esquerda. É interessante ressaltar que sua vida de escritor preocupado com as questões sociais de seu tempo começa nesta década ainda como estudante e militante, quando conheceu sua esposa, Maria de Lourdes

de Sales Menezes, com quem teve 5 filhos<sup>6</sup>. A qual teve outro papel importante por ler e corrigir seus manuscritos diversos “para jornais e revistas universitárias, sobre temas que até os últimos momentos de vida continuavam objeto de suas preocupações: a questão regional; o problema da estrutura fundiária do país e a necessidade de uma política agrária; as desigualdades sociais existentes; o problema ambiental; as revoluções libertárias” (ANDRADE, Thaís de L. C. de, 2018, p. 65), temas que, entre outros, fazem parte das áreas de domínios conexos citadas acima.

Cerca de 13 anos depois das edições de 1963-4, em 1973 teve seu sumário censurado pela ditadura militar, através do AI-5, subtraindo o sexto e último capítulo da primeira e segunda edição, que é sobre a *questão da revolução agrária as tentativas de solução do problema agrário*, onde descreve e explica muito bem esse conflito entre o movimento das ligas camponesas e a elite latifundiária. Desvendando a problemática do trabalhador no campo, contra a força da oligarquia que estava censurando, perseguindo e coagindo o movimento dos trabalhadores.

Isso é muito interessante, porque na própria evolução das edições de *A Terra e o Homem no Nordeste*, a única edição censurada e com capítulo suprimido é a de 1973, no auge da perseguição ideológica. Em 1980 a nova edição reaparece com esse capítulo incorporado, e na edição de 86, saiu com o subtítulo "contribuição ao Estudo da Questão Agrária no Nordeste" e acrescentou um capítulo sobre a modernização da agricultura. Essas transformações se operaram a nível de conteúdo textual, cartográfico, fotográfico e bibliográfico.

Basicamente as transformações foram as seguintes: na 3.ed. (1973) foi suprimido o último capítulo que tratava mais a fundo a problemática camponesa: "*As tentativas de Solução da questão Agrária*". Tática que segundo o próprio autor, foi em função do período autoritário que viveu a sociedade e produção cultural brasileira, coibindo a livre manifestação das idéias. (...) [surrupadas forçadamente, devido a censura fascista da época] fotos e informações quantitativas ligadas à remuneração da mão-de-obra, da força de trabalho. Por outro lado, foram acrescentados novos parágrafos mais atualizados ao contexto desta edição e um capítulo final abordando "O Meio-Norte e a Guiana Maranhense". (...) na 4ª e 5ª edições, as quais voltaram a incorporar o texto original sobre o problema agrário e mais um capítulo, com uma linguagem mais moderna, utilizando mais frequentemente categorias do materialismo histórico e de uma visão sistêmica da economia e da sociedade, "*O capitalismo e a evolução recente da agricultura Nordestina*" (SANTIAGO, 1990, p.248).

Logo, o próprio livro é um espelho da conjuntura e da evolução do pensamento geográfico, porque embora comece com uma roupagem tida na época como uma geografia mais descritiva, ele inova conceitualmente ao incluir na conceituação e na regionalização sobre

---

<sup>6</sup>Uma de suas filhas, Thaís de Lourdes escreveu o mais recente e amplo trabalho sobre sua vida e obra, como tese de doutorado, defendida em 2018, com 326p. Antes disso, outro trabalho de grande porte fora o de minha dissertação de mestrado, defendida em 1990 com 392p., datilografado e impresso.

o Nordeste a questão da estrutura fundiária e das relações sociais de produção no campo, e é nesse sentido que os críticos de Manuel Correia reconhecem a influência do materialismo histórico, mas não existe no livro uma citação sequer de Marx, Essa proeza de revelar a lógica das relações de produção no campo, sem apelo ideológico tornou grande e eficaz o impacto desta obra de Manoel Correia. A outra grande conclusão é seu estilo simples sem ser simplista na concepção de mundo que perpassa seu conteúdo. “A influência do materialismo histórico nessa conjuntura intelectual de Andrade aparece principalmente através das obras de Caio Prado Jr.” (SANTIAGO, 1990, p.208) cuja interpretação mais concreta da sociedade brasileira era vista como 'radicalismo' pela "visão liberal política burguesa da Geografia agrária brasileira"(BRAY, 1987: 8).

O livro surge num contexto onde o óbvio nunca fora explicado cientificamente, relativo às contradições sociais das relações sociais de produção no campo. Tema um tanto quanto intocado, mistificado, sendo exposto numa perspectiva do pensamento liberal progressista de viés socialista.

Nessa perspectiva, “*A Terra e o Homem no Nordeste*”, inova ao discorrer sobre os problemas ligados à propriedade da terra e seus impactos socioambientais, da mão de obra e do modo de vida dos trabalhadores, no cenário da própria formação territorial brasileira e regional. Manuel Correia Antecipa o que Milton Santos, em 1977, editado na revista *Antipode* sobre o método geográfico e ressalta a importância das categorias conexas à formação econômica e social. Em seguida, quando lança *Por Uma Geografia Nova* em 78, o livro trata dos paradigmas, e foca no método geográfico, colocando a categoria de formação social junto com a categoria de Estado-nação, de território e de espaço, compondo parte da estrutura categorial do método de análise. Contudo Manuel Correia em 1963 já estava explicando a formação territorial brasileira e regional a luz das relações ligada à propriedade da terra e das relações dos trabalhadores no campo, cujo cerne está nas lutas camponesas, e além disso ele descreve algo que passa a ser uma novidade do ponto de vista da regionalização, que são os agrestes, falados brejos, e insere o fator econômico na regionalização sobre a ocupação territorial, no que virá a ser concebido na geografia crítica como produção do espaço e uso e valor do solo e do território, bem como da concepção de espaço como totalidade viva e complexa (SANTIAGO, 2005, 2013, 2014, 2016, 2021, 2022). Essas inovações teóricas irão aparecer nas temáticas e conteúdo da geografia brasileira de vanguarda nos anos 80, e posteriormente.

Milton Santos nos diz no seu livro *Espaço e Método* (1985) sobre o princípio da redutibilidade das categorias. Embora na contextura dos anos 60/70 a categoria de análise mais

usada por Andrade seja a região. Compreendo que Manuel Correia de Andrade antecipou em 1963 um conceito de formação social/formação territorial, porque dentro dessa visão do território ele o apresenta ligado ao imperativo da segurança nacional e a dimensão maior do Estado, e o Estado através das suas classes dominantes estão lutando para conseguir mais território e mais espaço vital em detrimento dos trabalhadores, e as próprias críticas que ele faz a questão da reforma agrária dizendo que era muito mais importante os colonos terem terras menores e no lugar mais fértil, do que ter em áreas grandes com solos mais pobres. Demonstrou o valor estratégico das vantagens da situação geográfica (SANTIAGO, 2005, 2013, 2014). A dialética entre a dimensão comercial, política, ecológica e da sobrevivência vital em prol da construção de uma cidadania plena e digna (idem).

Percebemos a importância do estudo empírico que ele fez no trabalho de campo mostrando como o uso da terra é uma noção extremamente importante para explicar a realidade regional e nacional, pois é neste uso ligado às formas de apropriação pelas redes geográficas, e de poder, (SANTIAGO, op. cit) que se determinam as formas de consumo. Não só dos alimentos em que podemos hoje em dia fazer uma correlação da importância desse livro com as questões atuais de segurança alimentar e da estrutura agrária ligada à produção de commodities que é a linguagem atual. Embora a linguagem de Andrade (1963) seja o latifúndio açucareiro e a oligarquia agrária retrógrada e as contradições com as lutas camponesas.

Nesse sentido, suas concepções possuem importância crucial para a geografia regional, porque como produtor científico nunca deixou de pensar a categoria de totalidade viva, que ela aparece em vários sentidos nos seus trabalhos em suas escalas: local, estadual, regional, nacional, mundial. Mais intensamente quando aborda as questões ecológicas. Como também ao usar o conceito de paisagem, de região, de território, de ocupação e produção do espaço, sempre conexo a questão regional e nacional; não perde de vista a ciência geográfica como unidade de categorias e do princípio ontológico, preocupado em elucidar os significados e sentidos do ser social como processo histórico complexo. Logo há no seu comportamento ativo a tendência de pensamento crítico desde os anos 40 nas suas práxis social e política.

Então, sem dizer que está a falar sobre o conceito de formação social, que Milton Santos (1988, 1996, 2005) depois vai chamar de formação espacial, refletindo a junção da relação que existe entre o modo de vida e o modo de produção através das relações sociais, e das possibilidades de uso dos potenciais existentes num determinado momento da evolução técnico e científica. Andrade tratou e mostrou diversos aspectos do modo de vida e uso do solo e seus produtos transformados em mercadorias, concebendo o que chamou de “*capital solo*”.

*A Pecuária no Agreste Pernambucano* (1961) mostra a importância do Agreste no conjunto do abastecimento do Estado de Pernambuco. Fato importante nessa época, era sua economia ser deficitária em relação aos produtos derivados dos criatórios. Razão por acreditava que sua pesquisa contribuía para a solução dos "problemas regionais" através da "geografia aplicada" (g.n.)(ANDRADE, 1961: 8, SANTIAGO, 1990, p. 96).

Esta obra antecipa certas caracterizações e conclusões sobre as implicações da estrutura agrária e a produção de mercadorias no conjunto da economia nordestina, aprofundadas na sua obra central *A Terra e o Homem no Nordeste* (1963b). Ademais, várias definições e descrições sobre as paisagens agrestinas são retomadas posteriormente nas suas novas publicações. O temário geral desta obra é subdividido em 5 partes. A primeira trata do "Quadro Natural e Diversificações Regionais. Onde se discorre sobre o conceito e a situação do Agreste, guiando-se principalmente pelos parâmetros físicos das descrições geológicas, geomorfológicas, orográficas, climáticas, hidrográficas e biogeográficas. Mostrando-se através da associação destes fatores a diversidade das paisagens regionais, e a razão da definição de áreas de transição entre a Zona da Mata e o Sertão. Identifica-se ambientes que se chamam "encosto de brejos", área "tipicamente de transição - o Agreste propriamente dito". Preocupa-se com a dilapidação da riqueza pela partição hereditária das propriedades, pois a menor possibilidade de rotação das culturas, torna seu uso menos "racional". "Assim, o *capital solo* (g.n.)vai sendo pouco a pouco dilapidado" (ANDRADE, 1961, p. 35-40, SANTIAGO, id.).

Em vários sentidos mostrando fotografias das pesquisas de campo, das paisagens que envolve o trabalhador do campo, das paisagens que retrata o latifúndio e a casa grande açucareira, fazendo uma correlação com o livro de Gilberto Freyre *Casa Grande e Senzala*, no lugar dos escravos como um modo de vida, tem a vida precária de trabalhador rural que muitas vezes é sob condições escravas. Nesse sentido que se percebe que na medida que as inovações tecnológicas se transformaram, a agricultura. Levando o leitor a perceber que na região canavieira que antes era movida por engenhos, agora transformados em usinas vai aumentar a poluição e também a expansão dos canaviais para as áreas onde havia colonos, diminuindo a agricultura familiar. E, por conseguinte a perseguição sobre essas famílias, e expropriação de suas terras, diminuindo a área de plantio e de subsistência (ANDRADE, 1979b, 1979c, 1994, 1995).

Ele relata com detalhes essas questões mostrando como o trabalhador rural fica refém da monocultura do latifúndio açucareiro e conseqüentemente o aumento do impacto ambiental nos rios, que antes eram fontes de alimentos, vai se transformar em fonte de esgoto. O vinhoto despejado nos rios vai apodrecer as águas, junto ao processo permanente de assoreamento, diminuindo o percentual e oxigenação, gerando a mortandade dos peixes e aumentando a dos insetos e contaminação de doenças, acarretando diminuição do IDH das populações ribeirinhas, como afetando a pesca nos estuários dos rios. Relatando muitos aspectos do modo de vida e das

relações de produção do homem do Campo e dos impactos do uso da terra (ANDRADE, op. cit.).

Esta obra central ainda inspira discussão dos problemas regionais e nacionais, no Brasil e na América Latina e África, principalmente. É Pela influência desses estudos que eu tenho também conseguido discutir com os mestrandos do PPGEO/UESB, os problemas regionais ligados não só a dimensão dos impactos da expansão urbana, mas também a questão do homem no campo, da questão das cooperativas e da questão das agriculturas familiares. A inspiração básica são suas teorizações sobre o desenvolvimento regional (ANDRADE, 1967a, 1967b, 1979a, 1985, 1987, 1993, 1994).

Uma pesquisa feita por Robert Linhart, nas regiões açucareiras do nordeste brasileiro, caracteriza um dos fatos mais marcantes desse curto período como sendo um momento de prosperidade econômica socializada, pois ocorreu um aumento de 300% nos salários dos computadores de cana de açúcar, tornando possível a inúmeras famílias de trabalhadores o acesso a um grande número de mercadorias, o que proporcionou um esvaziamento de lojas no Recife pelo aumento da procura de artigos, eletrodomésticos, rádios, móveis alimentos e roupas (LINHART, 1981: 7-8).

No contexto das ciências sociais ocorriam modificações teóricas e metodológicas; ampliava-se a preocupação com os conteúdos social, político, econômico, dentro de uma perspectiva inter-relacionada, que emergia das produções sociológicas e políticas. Dentre as publicações teóricas destacava-se a Revista Brasileira, preocupada com a difusão das inovações teóricas sobre a realidade brasileira, no campo do saber engajado. Os fundadores, Caio Prado Jr., Florestan Fernandes, Josué de Castro, Pinto Ferreira, Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet, entre outros, ampliaram as possibilidades científicas de interpretação do território brasileiro, e de entendimento mais objetivo da realidade histórica e social (SANTIAGO, 1990, p. 210).

### **Para não concluir**

Podemos dizer que o propósito de Manuel Correia foi explicar objetivamente as contradições e conflitos sobre a questão regional e a estrutura agrária dominante. Concebendo no caso, o Nordeste como região, território e suas diversas formações espaciais, demonstrando o processo de produção das relações de trabalho e desvendando as causas da precariedade do trabalho no campo, e subdesenvolvimento, engendrados do aumento da desigualdade social, e dos impactos ambientais.

Suas inovações teóricas trazem importante contributo à formulação de uma teorização inovadora sobre desenvolvimento regional, na história do pensamento geográfico brasileiro e mundial. Essas preocupações econômicas surgem nos 50 não só com o meio ambiente, mas com o estudo de paisagens, e o problema do abastecimento alimentar, e as contradições citadas dos trabalhadores rurais, entre outras questões.

Estes aspectos selecionados situam essa obra de Andrade como estando preocupada com a realidade social nordestina, sem perder de vista os aspectos da história e da política regional, questões que não eram tratadas com a devida relevância pela maioria da produção geográfica brasileira, ainda em sua grande maioria imbuída de estudos urbanos, como identifica Monteiro (1980) em estudos de avaliações sobre tendências da Geografia no Brasil (SANTIAGO, 1990).

Refletindo uma interpretação científica e crítica sobre a realidade brasileira dos fins dos anos cinquenta e início dos anos sessenta, Andrade buscou explicar os problemas provocados pela estrutura agrária latifundiária, atrelada a uma economia de mercado agroexportadora, fundamentada na produção de gêneros primários e em cujas relações de trabalho eram bem visíveis os efeitos nocivos aos trabalhadores, habitantes em geral e a ecologia da região nordestina. Não era comum aos estudos regionais dar esse enfoque político. Os estudos mais significativos dessa época, dentro de uma abordagem geográfica e com cunho político, foram elaborados por Josué de Castro, que analisa um dos problemas fundamentais da sociedade regional, nacional e mundial com uma preocupação nitidamente histórica e política. Embora Andrade nessa contextura não faça referência às importantes obras de Josué de Castro: *Geografia da fome e Geopolítica da fome* fez elogios à obra deste importante cientista social pernambucano, considerado como combatente Geógrafo, assim como Orlando Valverde, a quem Andrade prestigia em sua obra da mesma forma (ANDRADE, 1965).

Andrade é um geógrafo que superou a geografia tradicional, recebeu críticas e as reconheceu. Questionou muito a racionalidade da produção capitalista mostrando que essa racionalidade cria uma precarização social. Sua perspectiva de análise sempre buscou superar o dualismo, cujo paralelo com a teoria do desenvolvimento desigual e combinado ajuda a compreender esse desenvolvimento social e econômico desigual (AMIM, 1973), geradores das disparidades de renda e de classes sociais. Nesse sentido explica como o território se reproduz de forma desigual, citando sobretudo a questão da agricultura de exportação através de uma estrutura agrária conservadora opressora. A dialética desse modo de produção reproduz as

causas do subdesenvolvimento rural e urbano, ou seja, da pobreza dos trabalhadores do campo e da vida urbana da maioria da população. Essa é a lógica básica da teoria do desenvolvimento, e essa lógica é subjacente a todas as outras explicações, geradas pelo acúmulo de capital e uma desigualdade crescente na produção de renda da maioria da população. Essas desigualdades são narradas de diversas formas e em diversos trabalhos.

Como produtor de livros e trabalhos diversos, cujas temáticas acompanharam a evolução das problemáticas espaciais da formação brasileira, através do movimento da história social e da evolução do pensamento geográfico. Andrade vai aprofundar o debate e mostrar nas temáticas emergentes o problema de forma recorrente. Cujas essência já está colocada em *A Terra e o Homem no Nordeste*; como o capitalismo se desenvolve criando desigualdade, se apropriando de mais espaços, aquilo que Ratzel chamou de *Espaço Vital* para o Estado, como valor das vantagens da situação geográfica (SANTIAGO, 2005, 2013, 2014).

Paralelamente, Andrade recoloca em muitos trabalhos a categoria de cidadania, ao questionar sobre o modo de vida, principalmente do trabalhador rural e urbano. Não perdendo o sentido sobre as condições de vida e de dignidade, da mesma forma como Milton Santos por outros caminhos também vai desembocar questionando a dimensão da dignidade humana. Demonstrando a unidade da ciência geográfica através do estudo das contradições do capitalismo; discorrendo como as categorias de análise, se conectam de forma imbricadas e formam uma unidade, um sistema de análise. Então, se a totalidade é o espaço vivo, é o planeta terra; nesse sentido, a geografia vai explicar como os recursos totais são apropriados através de diversas formas pelo sistema produtivo, e como suas diversas cadeias produtivas se conectam às redes de circulação e comunicação, segundo as propriedades substanciais de cada situação geográfica, de cada territorialidade e recursos de mão de obra.

Todas a diversidade de paisagens conforme suas situações naturais e evolução de suas formações territoriais, revelam como os potenciais paisagísticos condicionam basicamente as formas de uso em função do grau de desenvolvimento cultural e tecnológico científico. Assim, as possibilidades de engendramento das diversas territorialidades desvendam uma dialética ligada ao valor das vantagens de cada situação geográfica, associada às cadeias produtivas das multinacionais e conglomerados de cada bloco de países associados. Que por sua vez criam as centralidades e os fluxos de consumo e de poderes.

Dentro desse processo nos mostra como se dá a relações sociais de produção e de vida, porque o objetivo do método é desvendar a realidade e a produção de tendências de configurações espaciais. Nesse sentido seu trabalho de desvendando a realidade, faz parte da constelação de geógrafos difusores do pensamento dialético e crítico sobre as contradições e conflitos que eclodem permanentemente no espaço da luta de classes. A forma como isso é revelado vai depender do estilo do autor, nos diversos momentos temáticos de suas obras. A isso chamei de contexturas intelectuais na vida e obra.

No caso de Manuel Correia pela classificação que fizemos, ficou patente que a questão agrária e regional é a temática mais importante, e dentro dessa temática as relações sociais de produção e o modo de vida, revelando a precariedade e as relações sociais de produção mostrando a forma como o trabalho é apropriado e criado os excedentes produtivos, e gerando toda uma configuração espacial, campo por excelência da ciência geográfica produzida. Como uma espécie de macro medicina das formações espaciais, haja visto que a essência e a luta pela construção de uma verdadeira dignidade (cidadania plena) do modo de vida da maioria da população, que está na base da pirâmide social. Por outro lado, as consequências disso, conexas dimensões ambientais dos impactos ambientais, com vários exemplos, desde a produção mineral, estão expressas nas múltiplas situações de desmatamento e a poluição das águas, e os vários aspectos do IDH, entre outros aspectos correlacionados.

Portanto, advogo que Andrade tocou nos pontos fundamentais da discussão ligada à segurança nacional, e na atualidade podemos fazer um paralelo quanto ao agravamento da problemática agrária, rural e do espaço urbano. Uma permanente luta pelo espaço. A questão do campo se agrava, através da violência de uma política armamentista, recordando o filme *Cabra Marcado para Morrer*, quando um dos atores no papel de um camponês que ironizou, no sentido de que o governo pensa que estamos armados até os dentes e, a gente só tem foice e enxada: a gente não tem arma de fogo. O que a gente ver hoje é o aumento da política armamentista em relação ao campo. Eu pergunto, um trabalhador rural vai ter condições de comprar uma metralhadora, um fuzil, uma arma mais sofisticada? Claro que não! Se a gente comparar os contextos de *Cabra Marcado Para Morrer* e *A Terra e o Homem no Nordeste*, a repressão é em cima dos trabalhadores, das ligas camponesas e etc., iremos concluir que existe deliberadamente uma política mal-intencionada ideologicamente e sistematicamente.

Manuel Correia no caso de *A Terra e o Homem no Nordeste* em sua teoria regional desvendou como se dão as relações produtivas ligadas à estrutura fundiária. O cerne é a estrutura da produção de mercadorias para exportação e hegemonia da produção territorial através de determinados padrões de uso do solo. Gerando uma produção específica de determinadas mercadorias que engendram toda uma rede de consumo de produtos alimentares industrializados, derivados e combustíveis para circulação dos transportes.

Me lembro que perguntei ao professor Manuel Correia se não deveria ser o título: o homem e a terra? Ele me respondeu que a terra e o homem estão do mesmo jeito relativamente, com tendência de piorar, mesmo com toda a sorte de desenvolvimento tecnológico e social. Pois se você coloca a terra em primeiro lugar não é a terra no sentido do amor, mas sim enquanto recurso e potencial; podemos até fazer a correlação com um conceito de Milton Santos que é o território usado: e esse território usado, esse uso da terra está muito bem descrito na sua obra central. Então o que determina o uso da terra e as formas de apropriação desse uso são as possibilidades que o capitalismo utiliza para gerar a acumulação desigual do capital, provocando uma série de consequências. Embora a ciência não pare de evoluir; a estrutura agrária de produção continua a produzir as mazelas que se acumulam negativamente para a maioria populacional, a despeito de toda a sofisticação do modo de vida.

A quantidade de autores que Manuel Correia cita é enorme, demonstrando que acompanhou o movimento da evolução do pensamento social e geográfico e transformou esse trabalho abstrato em temáticas difundindo uma nova consciência sobre o espaço. É por aí que concebo a noção de contexturas, associadas aos cenários, e surgimento de possibilidades temáticas, devido a observação dinâmica e dialética do cotidiano, e dos diversos usos do território onde vivemos e, recriamos as trajetórias de nossa existência e práxis. Creio que essa é uma das conclusões e compreensão que eu tenho da evolução do pensamento da geografia.

Um plano é a evolução geral do pensamento histórico de todo o conhecimento da humanidade nos seus determinados momentos, ou épocas. O outro plano se refere à evolução do pensamento nos diversos autores individualmente nos seus diversos cotidianos e lugares e relações estabelecidas por onde percorrem e reproduzem suas existências e modos de vida. Mas para cada autor temos que compreendê-los na sua contextura abstrata de produção científica, no seu contexto teórico de época, de conjuntura, de temáticas e de conteúdo. Dessa forma uma explicação sobre a teorização do desenvolvimento regional que envolve as questões locais,

municipais, estaduais, macro regional, nacional e global, e suas diversas escalas estão na sua obra de Manuel Correia, que marcou significativamente o pensamento social e geográfico brasileiro.

Quando o capitalismo é infame como o nosso, ele desenvolve por um lado e subdesenvolve por outro, pois o sistema operante têm comprimido o tempo e o espaço, e diminuído o valor médio da hora de trabalho, precarizando a vida, subvertendo e trolando as formas de comunicação, criando aumento contínuo de pressão e diversas síndromes inflamatórias. O que as pessoas dizem no dia a dia: “estou na correria”. Então as relações sociais de produção que o capitalismo atualmente reproduz através das inovações acelera o processo de circulação, mas ao acelerar ele consome mais tempo das pessoas trabalhadoras, gerando uma queda no ganho de dinheiro devido a crescente inflação do modo de vida que se torna mais complexa. O que resulta no mundo subdesenvolvimento ou em desenvolvimento a necessidade de mais tempo de trabalho para gerar mais renda mínima para sobrevivência básica. Como o aumento do salário não tem se dado na mesma proporção do aumento inflacionário do custo de vida, o resultado é a precarização das existências dos trabalhadores e desempregados.

Na sua obra central apresentada, Manuel Correia nos mostrou o exemplo do aumento de 300% nos salários dos trabalhadores em Recife e as mercadorias sumiram das prateleiras, e hoje é o contrário, tem-se uma diminuição do valor do trabalho, e não conseguimos comprar a mesma quantidade de mercadoria. Mesmo que seja outra etapa do desenvolvimento nacional e regional. Há na explicação de sua obra central a base de uma explicação fundamental, a qual depende da intenção governamental.

O que quero acrescentar é teorizar sobre o valor do espaço. E toda a teoria geográfica para ser de relevância social, para trabalhar a dimensão do capitalismo, da acumulação por um lado e de quem trabalha enriquecendo o capitalismo é a teoria do valor. Então para mim existe uma teorização sobre o valor e Manuel Correia concebendo o Nordeste, onde ele descreve com detalhes custos, gastos, formas que envolve dinheiro, e de certa forma está esmiuçando o modo de vida em relação ao processo de produção do grande capital e da renda da terra. Logo existem conexões com a economia espacial, trabalhada no domínio conexo geoeconômico. Assim existe uma teorização sobre o valor do espaço em Manuel Correia, acho que é o cerne da geografia crítica, discutir o valor da produção do modo de vida associada ao modo de

produção dominante, e o custo de reprodução da vida cotidiana como mercadorias e salários no contexto de uma determinada formação sócio espacial, ou formação o econômico social. E assim termino esse esboço de uma teorização sobre a obra central de Manuel Correia de Oliveira Andrade e suas repercussões como contribuição à compreensão de nossa realidade concreta.

## Referências

- AMIN, Samir. *O Desenvolvimento desigual: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico*. Rio de Janeiro. Forense-Universitária, 1976.
- AMOROSO, Marta e IUMATTI, Paulo T. A construção de uma biblioteca na trajetória de Manuel Correia de Andrade. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. N. 60. Abr. 2015 (p.199-210).
- ANDRADE, Manuel C. de. Aspectos Geográficos do Leste da Paraíba. Recife, *Imprensa Universitária*, 1957a.
- ANDRADE, Manuel C. de. *Os Rios-do-Açúcar do Nordeste Oriental II. O Rio Mamanguape*. Recife. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1957b.
- ANDRADE, Manuel C. de. O bordo oriental da Borborema na área de Vitória de Santo Antão. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, 10:57-75, 1958a.
- ANDRADE, Manuel C. de. Um estudo sobre o Nordeste semi-árido. *Diário de Pernambuco*, Recife, 28 set., 1958c.
- ANDRADE, Manuel C. de. *O vale do Siriji* (Um estudo de Geografia Regional). Recife, 1958d.
- ANDRADE, Manuel C. de. Evolução e características da pecuária nordestina. *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, Recife, 8:39-63, jan/dez, 1959a.
- ANDRADE, Manuel C. de. *Os Rios-do-Açúcar do Nordeste Oriental IV. Os Rios Coruripe, Jiquiá e São Miguel*. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1959b.
- ANDRADE, Manuel C. de. Aspectos geográficos do problema industrial. *Symposium*, Recife, 1(2-3) :160-174, 1960.
- ANDRADE, Manuel C. de. *A pecuária no agreste pernambucano*. Recife, 1961. Tese ao concurso para provimento da Cátedra de Geografia Econômica da Faculdade de Ciências de Pernambuco da Universidade do Recife.
- ANDRADE, Manuel C. de. Aspectos geográficos do abastecimento do Recife. In: *Problemas de abastecimento alimentar no Recife*. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1962, p.197-271.
- ANDRADE, Manuel C. de. *Economia pernambucana no século XVI*. Recife, Arquivo Público Estadual, 1962c.
- ANDRADE, Manuel C. *A Terra e o Homem no Nordeste*. São Paulo, Brasiliense, 1963b, 265p. 2. ed.: São Paulo, Ed. Brasiliense, 1964. 3. ed.: (revista e atualizada), 1973. 4. ed. (revista e atualizada). São Paulo, Ed. Ciências Humanas, 1980. 5. ed.: *Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. São Paulo, Atlas, 1986. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANDRADE, Manuel C. de. *Problemas de Abastecimentos Alimentar do Recife*. Recife, IJNPS, 1963b

- ANDRADE, Manuel C. de. Estrutura Fundiária e Sistemas de Exploração da Terra em Pernambuco. In: *Cahiers des Ameriques Latines*. Série Sciences de l'Homme. Paris, n. 2, 1965.
- ANDRADE, Manuel C. de. *Geografia, região e desenvolvimento*; introdução ao estudo do "Aménagement du Territoire". Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1967a.
- ANDRADE, Manuel C. de. - *Espaço, polarização E desenvolvimento; a teoria dos pólos de desenvolvimento e realidade nordestina*. Recife, Centro Regional de Administração Municipal, 1967b. 2. ed.: São Paulo, Brasiliense, 1970. 3. ed.: São Paulo, Brasiliense, 1973. 4. ed.: São Paulo, Livraria Editora de Ciências Humanas, 1976. 4. ed.: revista e atualizada. Editorial Grijalbo, 1977. 5. ed.: São Paulo, Ed. Atlas, 1987.
- ANDRADE, Manuel C. de. *Recife: problemática de uma metrópole de região subdesenvolvida*. Recife, Ed. Universitária, 1979a.
- ANDRADE, Manuel C. de. O meio ambiente e a agricultura. In: *Agricultura e Capitalismo*. São Paulo, Liv. Ed. Ciências Humanas, 1979b, 103-115.
- ANDRADE, Manuel C. de. A poluição e a morte dos rios. *Revista de Agricultura de Pernambuco*. Recife, n. 2, 1978, n.p. Id. In: *Agricultura e Capitalismo* (1979c, 83-100).
- ANDRADE, Manuel C. de. Josué de Castro e a Geografia Combatente. *Diário de Pernambuco*. Recife, 27 mar., 1981.
- ANDRADE, Manuel C. de A geografia e a produção do espaço no Brasil. *Boletim Recifense de Geografia*. Geografia, 3(6), 1982.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *Classes Sociais e Agricultura no Nordeste*. Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana. 1985.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *Elisée Reclus: geografia*. São Paulo, Ed. Ática, 1985b.
- ANDRADE, Manuel C. de. *Geografia, Ciência da Sociedade; uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo, Atlas, 1987.
- ANDRADE, Manuel C. de. *Uma geografia para o século XXI*. São Paulo. Papyrus Editora. 1993.
- ANDRADE, Manuel C. de. *Modernização e Pobreza: a expansão da agroindústria canavieira e seu impacto ecológico e social*. São Paulo. UNESP. 1994.
- ANDRADE, Manuel C. de. *A Questão do Território no Brasil*. São Paulo. Ipespe/HUCITEC. 1995.
- ANDRADE, Thais de Lourdes C. de. VIDA E OBRA DE MANUEL CORREIA DE ANDRADE: CAMINHOS PERCORRIDOS NA GEOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES AOS ESTUDOS REGIONAIS E AMBIENTAIS. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.
- ARAÚJO, Tânia Bacelar de. *Um Intérprete do Nordeste*. In: CAVALCANTI, Clóvis; RIBEMBOIM, Jacques; RIVAS, Leda (organizadores). *Manuel Correia de Andrade um Homem chamado Nordeste*. Recife: Edições Bagaço, 2008.
- BARROS, Nilson C. C. de. O Pensamento Geográfico Hoje em Pernambuco: um esboço. *Boletim Recifense de Geografia*. Ano I, nº 3, jul./set., 1980.
- BECKER, Bertha K. Relatório Final: Renovação da Geografia. In: *Simpósio Renovação da Geografia*. Rio de Janeiro: BIBLIOGRAFIA GEOGRÁFICA DO BRASIL. 1955-1960. Rio de Janeiro: UFRJ. *Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil*. 1967.
- BRAY, Silvio Carlos. Aspectos da Trajetória Teórico- Metodológica da Geografia Agrária no Brasil. In: *8º Encontro Nacional de Geografia Agrária*. Barra dos Coqueiros-SE, UFS. Mesas Redondas, Comunicações, 6 a 9 de dez. /1987 (4-12).
- CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Rio de Janeiro: CEB, 4. ed., 1953.

- COELHO, Fernando. O Governo de Miguel Arraes. In: Porque Arraes. Edições Pirata Geração 65. Recife, 1986.
- COHN, Amélia. *Crise Regional e Planejamento* (o processo de criação da SUDENE). São Paulo: Perspectiva, 2. ed., 1978.
- CLAVAL, Paul. *Evolución de la Geografía Humana*. Barcelona: Dikostam, s.d., 1. ed., 1974.
- COHN, Amélia. *Crise Regional e Planejamento* (o processo de criação da SUDENE). São Paulo: Perspectiva, 2. ed., 1978.
- COSTA, N.M. da & MORAES, A.C.R. *A Valorização do Espaço*. São Paulo: Hucitec, 1984.
- GASPAR, Lúcia (Coord.); PODEUS, Raquel Batista; SILVA, Rosi C. da. *Manuel Correia de Andrade: cronologia e bibliografia*. Recife: UFPE. Ed. Universitária, 1996.
- KOSIK, K. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 29ª ed., 1976.
- LINHART, Robert. *O Açúcar e a Fome*(pesquisa nas regiões açucareiras do Nordeste brasileiro). São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- LINS, Jomário da Fonseca. O Movimento Social Agrário das Ligas Camponesas em Pernambuco (1955 – 1964): as interpretações do geógrafo Manuel Correia de Andrade. In: ALVES FELIPE, J. L. (org.). *Manuel Correia de Andrade: o geógrafo e o cidadão*. Natal: CCHLA/UFRN, 1995.
- MORAES, Antônio C.R. *Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- MORAES, Antônio C.R. Epistemologia e Geografia. In: *Orientação*. São Paulo: USP, nov., 1985."Geografia, História e História da Geografia". In *Terra Brasilis*. Nº 2, jul. Dez. 2000. p. 127-135.
- MONTEIRO, Carlos A. de F.A *Geografia no Brasil (1934-1977): Avaliação e Tendências*. São Paulo: 1980. IGEOG.
- USP, Série Teses e Monografias, nº 37.
- MOREIRA, Ruy (Org.). *Discurso do Avesso* (Para a Crítica da Geografia que se ensina). Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.
- MOTA, Carlos G. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 4. ed., 1978.
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. O Modo Capitalista de Pensar e suas "Soluções Desenvolvimentistas" para os Desequilíbrios Regionais no Brasil: reflexões iniciais. In: *Revista do Departamento de Geografia*, 3. USP, FFLCH, 1984, 21-36.
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. *A Geografia das Lutas no Campo*. São Paulo: Contexto, EDUSP, 1988.
- SANTIAGO, João Phelipe. *A Geografia no Brasil: A Contribuição de Manuel Correia de Andrade*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1990.
- SANTIAGO, João P. Fazer Geografia. *Con(s)ciência: Revista Cultural, Técnica e Científica*. Vitória da Conquista: UESB, n. 4, p. 113-121, 1993.
- SANTIAGO, João P. *A questão nacional na Geografia ratzeliana e sua assimilação no pensamento social na República Velha*. 2005. 298 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – USP, São Paulo, 2005.

- SANTIAGO, João P. *Espaço geográfico e Geografia do Estado em Friedrich Ratzel*. Vitória da conquista: Edições UESB, 2013.
- SANTIAGO, João P. A valorização estratégica do território na acepção ratzeliana. In. *Anais do 1º Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território: racionalidades e práticas em múltiplas escalas*. (1º CONGEO). Silva, Augusto César Pinheiro da. (org.). Porto Alegre: Editora Letra1; Rio de Janeiro: REBRAGEO, 2014. Disponível em: Acesso em junho de 2019.
- SANTIAGO, João P. O Espaço Geográfico como Totalidade Viva e Complexa em Reclus. In : *Terra Brasilis. Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*. 2016 - <https://terrabrasilis.revues.org/1877> (pdf).
- SANTIAGO, João P. Consciência do espaço: geografia, sociedade e educação. *Revista Geopolítica Transfronteiriça*. V. 1, nº 2, 2021, pp. 11-37, ISSN: 2527-2349. <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/revistageotransfronteirica/article/view/2206>. Acesso 12 Set. 2021.
- SANTIAGO, João P. Totalidade, Estado-Nação, Formação Social, Território como categorias fundamentais da Geografia Crítica e o pensamento geográfico. *Geografia no Século XXI - Volume 7/ Org.: Fabiane dos Santos, Belo Horizonte - MG: Poisson, 2022. pp. 91-99*
- SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: Formação Espacial como Teoria e como Método. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo, n. 54, jun. 1977. Publicado inicialmente em *Antipode*, nº 1, vol. 9, jan./fev. 1977.
- SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia uma Geografia crítica*. São Paulo: HUCITEC. 1978.
- SANTOS, Milton (Org.). *Novos Rumos da Geografia Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel. 1985.
- SANTOS, Milton. O Espaço Geográfico como Categoria Filosófica. In: *Terra Livre. O Espaço em Questão*. São Paulo: AGB, 1988, 9-20.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo. HUCITEC. 1996.
- SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp, 2005.
- SAQUET, Marcos Aurélio. Contribuições para o entendimento da Obra de Manuel Correia de Andrade: Geografia, Região, Espaço e Território. *Geo UERJ - Ano 12, n.21, 2º semestre de 2010*. [www.geouerj.uerj.br/ojs](http://www.geouerj.uerj.br/ojs) ISSN 1981-9021.
- SILVA, Armando C. A renovação geográfica no Brasil: 1976-1983. In: *Boletim Paulista de Geografia*, n. 60. São Paulo: 1984.

---

### João Phelipe Santiago

Possui graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (1981), graduação em Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (1982), mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (1991) e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2005). Pós-doutorado, através do Programa de Pós-graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, da Universidade Católica do Salvador - UCSAL (2013). Atualmente é professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Em 2017 entrou no programa de pós-graduação do Mestrado em Geografia (PPGEO).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6638-1147>

Email: [joao.santiago@uesb.com.br](mailto:joao.santiago@uesb.com.br)

*Artigo recebido em 04/10/2022 e aceito em 18/12/2022*